

© 2023 (e-book) Editora da UFSC [Nota do Editor = mesmo conteúdo]

© 2023 (impresso)

Coordenação editorial:

Flavia Vicenzi

Capa e editoração:

pamalero artes

Imagem da capa:

Alan Stone Langdon

Revisão:

Maria Isabel de Castro Lima

Monique Heloísa de Souza

Catologação na fonte pela Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina

A636 Uma antropologia da práxis [recurso eletrônico] : homenagem a Jean Langdon / Sônia Weidner Maluf, Eliana Elisabeth Diehl, Juana Valentina Nieto Moreno, organização. – Florianópolis : Editora da UFSC, 2023.

611 p. : il. – (Coleção Brasil Plural)

E-book (PDF)

Disponível em: <https://doi.org/10.5007/978-65-5805-083-4>

ISBN 978-65-5805-083-4

1. Antropologia. 2. Ciências sociais. 3. Ciências humanas.
4. Langdon, Esther Jean. I. Maluf, Sônia Weidner. II. Diehl, Eliana Elisabeth. III. Nieto Moreno, Juana Valentina.

CDU: 391/397

Ficha catalográfica elaborada por Dênira Remedi – CRB-14/1396



Este livro está sob a licença Creative Commons, que segue o princípio do acesso público à informação. O livro pode ser compartilhado desde que atribuídos os devidos créditos de autoria. Não é permitida nenhuma forma de alteração ou a sua utilização para fins comerciais.

br.creativecommons.org

GESTOs da Jean: jeangando por um texto em processo, com muitas mãos, memórias, flechas e pegadas

Evelyn Schuler Zea
John Dawsey
Luciana Hartmann
Paulo Raposo
Scott Head
Vânia Zikán Cardoso
Viviane Vedana

Transcrição: Emily Wanzeller da Silva¹

Este texto é como um palimpsesto que foi escrito para a Jean a partir de vários lugares, vários momentos, várias inspirações – muitas destas foram se sobrepondo, mas deixaram rastros. Talvez pudéssemos pensar nele como um brinde a ela, por meio de pequenas e grandes coisas que nos tocam, ecos de nossos encontros. Fizemos uma reunião virtual para falar sobre o que e como escreveríamos sobre a Jean e o Grupo de Estudos em Oralidade e Performance (GESTO), ligado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC), sobre estarmos juntas(os) nesses muitos gestos que reverberaram a partir da atuação dela. Nada parecia mais distante da comensalidade dos vários encontros na casa da Jean do que um encontro virtual, mas era o que a pandemia nos permitia no momento. A comensalidade da comida e da bebida era ali substituída pela palavra trocada, pelas histórias contadas – depois pensamos que talvez ela também tivesse se divertido conosco no encontro. Trocar histórias, afinal, tem tudo a ver com a antropologia que a Jean faz!

¹ Mantemos o crédito da excelente transcrição da Emily, ainda que devêssemos mesmo chamar esta carta de “reescrita” – mas essa discussão fica como rodapé para outro texto!

O GESTO foi criado pela Jean e pela Luciana em 2005, trazendo ao longo do tempo outras pessoas, e, passados mais de 15 anos, pensamos no que fazemos agora como desdobramentos de coisas que a Jean lançou – John falava desses desdobramentos como flechas lançadas por ela. O grupo tem uma vida que se espria nessas relações com o John em São Paulo, com o Paulo em Portugal, com a Luciana em Brasília, com muitos colegas pelo mundo afora que um dia foram alunos do grupo, com Evelyn, Scott, Vânia, Viviane – e Jean – em Florianópolis, juntos com uma nova geração de alunos. Estamos todas a *jeangar* – imagem que Scott ofereceu, da capoeira, para esse movimento de articulação e de criação que se desdobra desde as perguntas e as escutas, das provocações de Jean à antropologia que fazemos.

Depois de duas horas de conversa, ficou a questão de como transcrever nosso encontro. Paulo e John tinham curtos textos já escritos, todas tínhamos intermináveis histórias. Como conectar as flechas, como fazer do texto uma *palavragesto* (uma das imagens trazidas pelo Paulo)? Scott lembra que a transcrição é sempre uma questão para a performance. Decidimos então assumir a oralidade que emerge de nossa conversa virtual, *jeangando* entre a transcrição (quase) literal desta, os textos produzidos pelos colegas e suas diversas temporalidades. Tomamos assim a transcrição da nossa conversa sobre um texto coletivo ainda a ser composto e a transformamos no próprio corpo do nosso texto.

Abrem-se as telas. Estão ouvindo?

Vânia Cardoso: Obrigada por estarem aqui para esta conversa. Eu vou começar recuperando como a gente chegou aqui. Há um livro sendo organizado em homenagem a Jean. Convidaram a gente para escrever um capítulo. Depois de várias conversas, pensamos em escrever algo coletivo, a muitas mãos, falando do GESTO, por isso esta brincadeira: os gestos da Jean. O grupo fez 15 anos este ano [2020]. Conseguimos ver o que fazemos hoje em dia como desdobramentos de coisas que a Jean lançou. E pensamos que isso é algo muito característico da Jean, essa generosidade na articulação entre as pessoas. E a partir disso as pessoas desenvolvem as suas próprias relações, às vezes até à revelia dela [risos]. Não são necessariamente apresentados pela Jean, mas com encontros viabilizados por ela. Não se trata de “linhagem” – essa coisa que as pessoas adoram fazer, falar das linhagens e das

possessões das suas crias. Então, era um pouco disso que a gente queria conversar, pensar com vocês.

Luciana Hartmann: Antes de criarmos o GESTO, eu e a Jean fizemos uma pesquisa sobre a antropologia da performance no Brasil, e ela observava que esse campo se constituía a partir, basicamente, dos eventos, de práticas etnográficas, da observação de uma festa, de um ritual, o que é fundamental, mas que não havia muito debate teórico. Ela se ressentia um pouco dessa falta de discussão mais teórica e metodológica, inclusive, que enriquecesse a análise do que era observado. Era muito etnográfico, descreviam-se o movimento, o gesto, o corpo, o som – o que, claro, sabemos, tem seu mérito –, mas eu acho que no GESTO nós de alguma forma avançamos nessa discussão. Então me parece que hoje em dia nossas pesquisas já não têm mais essa coisa: “*Ah, vamos olhar para um evento de performance*”. São muito mais amplas, é o que temos chamado de antropologias *em performance* – inclusive é esse o título que vem sendo dado aos seminários que organizamos, de três em três anos, desde 2008.

Então, queridos, começando... Se eu não me engano, o John me corrija se estiver errada, eu acho que você conheceu a Jean na minha banca de doutorado, não foi, John?

John Dawsey: Em 2004, não é? Exatamente, foi na sua banca.

Luciana: Porque eu tinha te assistido em uma banca, do Gustavo Blasques, no Museu Nacional. E aí eu pensei: “*Nossa, que cara bacana! Quero ele na minha banca*”. Você veio para minha banca, e, enfim, vocês se conheceram. Depois a Jean esteve na sua banca de livre docência, eu acho que tem uns cruzamentos aí. E o Paulo também participou dos eventos do NAPEDRA,² do pessoal do GESTO com o NAPEDRA. Uma coisa que eu estava falando, que eu acho bem bacana nessa rede que nós temos, é que eu não vejo muita disputa no campo de antropologia da performance no Brasil, eu vejo alianças. A gente se junta, se alia. E eu acho que a Jean contribui muito nessa relação de não competitividade. Eu acho isso bonito. E por isso pensamos em fazer um texto coletivo, a muitas mãos, muitas vozes, a partir desta conversa com vocês e com Viviane, Evelyn e Scott. Todo mundo comentando um pouco dessa presença da Jean, menos como a nossa maga mestra e muito mais como essa pessoa que impulsiona, que empurra a gente às vezes pro abismo, e

² O NAPEDRA é o Núcleo de Performance e Drama ligado ao Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo (USP).

você vai e descobre que pode voar. A Vânia sugeriu de a gente perguntar qual é a primeira lembrança que vocês têm da Jean.

John: Vou aproveitar então. Luciana lembrou, e eu pensei: “*Foi mesmo, a banca da Luciana, em 2004*”. No NAPEPDR, a gente estava conversando, discutindo, tinha surgido esse interesse por antropologia da performance. Então reunimos um grupo e já sabíamos da Jean, mas ainda não tínhamos feito contato. A Luciana convidou para essa banca, e foi o primeiro contato. Foi muito legal, foi uma defesa muito bonita. Daí no ano seguinte teve a defesa do Rubens,³ que era meu orientando; a Jean participou, e fomos nos entrosando. A partir disso, fomos organizando juntos alguns GTs na ANPOCS [Grupos de Trabalho da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais], a gente foi conhecendo... Acho que a Vânia apresentou em um desses GTs, depois o Scott, adiante o Paulo, e depois houve os eventos de vocês.⁴ Participei da banca da Viviane também, conheci a Evelyn nos eventos que vocês organizaram. Eu sentia muito isso, essa relação entre o NAPEPDR e o GESTO. Também teve aqueles eventos que o Paulo organizou em Lisboa,⁵ aquilo foi dando força e foi criando uma energia muito legal, gostosa. Essa energia realmente tem muito a ver com a Jean, o jeito dela, a simplicidade dela, pequenos gestos. Eu lembro uma vez, no NAPEPDR, a gente convidou a Jean. Era 2006, o NAPEPDR organizou um evento especial: uma apresentação da Jean sobre performances narrativas. Chamou a atenção o brilho nos seus olhos ao falar de viagens pelo rio Putumayo e de pesquisas com os Siona. As suas palavras eram precisas e certeiras como flechas de Oxóssi, imaginei. Após a palestra, houve um tempo para perguntas. E o evento realmente se tornou especial. Impressionante a capacidade de escuta da Jean. Ela mesma fazia as perguntas querendo conhecer as pesquisas das pessoas presentes. Assim como fazia com ameríndios Siona, agia com colegas do NAPEPDR: ouvia as suas histórias. Num gesto de escuta, produzia conhecimento. E iluminava. Foi muito legal a simplicidade dela falando. E essa coisa do “gesto”, eu senti as palavras muito precisas. Eu gostava muito de olhar esse brilho nos olhos da Jean, que de vez em quando

³ “Performance congadeira e a atualização das tradições afro-brasileiras em Minas Gerais” (SILVA, 2005).

⁴ O “Colóquio Antropologias em Performance”, realizado em 2009, 2012, 2015 e 2018, e o quinto, que esperamos realizar em 2021, na UFSC.

⁵ Boa parte das produções bibliográficas e dos eventos citados no texto consta do artigo publicado recentemente por Luciana e Jean (HARTMANN; LANGDON, 2020).

você vê, tem um senso de aventura. Eu via quando ela falava dos Siona, compartilhando a experiência dela. Me parece que ela gosta do silêncio, mas valoriza a palavra e principalmente a audição. Essa capacidade de dialogar partindo do que cada um estava falando, então ela ajudou muito os colegas do NAPEDRA também, e não só os do GESTO. Realmente, nos momentos em que estivemos presentes, tem muitas recordações, pequenos gestos realmente de que poderia lembrar.

Paulo Raposo: Vou falar um pouco também. Eu recebi esse convite pensando que nós já iríamos partir para a construção do texto. Então eu já escrevi um texto. Eu estava pensando justamente nessa ideia do encontro, do encontro com a Jean. E do que é o encontro, que foi mais do que transmissão de conhecimento ou de aprendizagens. É isso também, mas é sobretudo uma coisa que para mim foi muito importante: autonomia, ou essa palavra estúpida do presente, “empoderamento”. Foi ganhar algum poder e crescer. E vocês podem achar isso tudo muito estranho, porque eu já sou velhinho, tenho cabelo branco e tal [risos], mas não sou tão velho assim. A Jean apareceu na minha vida em um momento em que, academicamente, eu estava verde, absolutamente verde. Ela entrou assim, de repente, sem se impor – nunca se impôs, nunca houve nenhuma relação de poder. Aliás, fui eu sempre que convidei. A primeira vez que eu vi a Jean foi aqui em um corredor do ISCTE.⁶ Eu estava em trabalho de campo para o meu doutorado. Eu acabei o meu doutorado em 2003, e em 2001 ela estava aqui como professora visitante, em um pós-doc. Então eu vejo ela no corredor, e havia uma amiga em comum nossa, que é Maria Manuel Quintela. Ela trabalhava sobre águas termais e questões de saúde, e trabalhou com a Jean em uma altura prévia. A Maria Manuel disse-me assim: “*Paulo, tem aqui uma amiga do Brasil, e ela tá com essas coisas também do Estudo da Performance, ela está aborrecida. Vai atrás dela, pelo amor de Deus*”. E eu já era conhecido como uma boa companhia, basicamente [risos]. Então eu fui, e o primeiro impacto que eu tive dela foi: achei que era uma mulher muito alta. Eu não sei, hoje estava pensando, eu tenho ideia de que a Jean é altíssima: uma mulher esguia e alta. E perdida no corredor do ISCTE. Eu fui ter com ela. Fomos tomar um café, nada de especial, uma conversa banal. Nós ficamos combinados para um jantar na casa da Maria Manuel. Então foi o vinho que selou o nosso

⁶ ISCTE, ou Instituto Universitário de Lisboa, ao qual estão vinculados Paulo Raposo e Felipe Reis.

encontro. E ficamos em uma conversa longa. De repente, para mim, foi um empoderamento, porque foi o primeiro diálogo que eu tive sobre performance. Eu não tinha diálogos em Portugal sobre performance, nem narrativas, quanto mais... De repente, eu falava nomes de autores que ela reconhecia imediatamente, ela falava outros. Tudo aquilo passou a ser uma floresta de encantos, de muitas árvores que a gente conhecia. Foi daí que surgiu meu texto. Pensei em juntar isso no que eu chamei de *palavragesto*. Tudo junto: *palavragesto*. Porque tem muito a ver com o GESTO, o grupo vosso. É um grupo em que o gesto e a palavra são absolutamente fundidos, importantes. O trabalho da Jean nesse sentido é, como sabem, absolutamente central. *Palavragesto* porque eu queria falar de cada ciclo de encontros – eu isolei três ciclos de encontros com a Jean. E no primeiro ciclo eu quis lhe dar uma *palavragesto* particular, eu dei-lhe a *palavragesto* “*árvore*”. Utilizei a *palavragesto* do *yoga*. Fala sobre o enraizamento, o equilíbrio, o foco, a concentração. Isso foi vital para mim, precisamente na questão da tese, da banca. Esse primeiro encontro é o encontro da banca e os primeiros encontros com ela. As trocas da floresta de livros, de autores da performance. Era uma árvore que eu podia agarrar. A segunda *gestopalavra* que eu tenho é “*ginga*”. A *ginga* porque foi o resultado daquilo que foi o desafio que ela me fez ao convidar-me para o Brasil em 2009 – coisa que mudou radicalmente a minha vida, como pessoa, como investigador, como tudo. E onde eu vos conheci a todos. Eu vos conheço porque conheci a Jean e porque a Jean me convidou a vir dar um curso com ela na UFSC. Nesses três meses que estive com o Filipe Reis, eu viajei o Brasil todo. Conheci mais gente no Rio, o Zeca Ligiéro, a Maria Laura Cavalcanti, a Renata Gonçalves, o Nilton Santos e o Daniel Bitter, depois em Manaus a Deise Lucy Montardo. E o pessoal do NAPEDRA em São Paulo, claro. Conheci todo mundo que acabei por trazer para Portugal naquele evento de que o John e a Vânia estavam falando, o “No Performance’s Land”, que aconteceu em 2011. A *ginga* tem a ver com isso. No texto tem outra coisa, não é só a malandragem, é também esse jogo híbrido entre a arte e a antropologia. Esse espaço do movimento que é escondido, mas não é, que é desafio, é luta, é dança. Então todo esse movimento é também o meu movimento, foi o meu movimento de crescimento. Eu desafiar-me, eu procurar raízes, diálogos, essas coisas. E o último ciclo é que eu chamo “*o ato imóvel*”, baseado no André Lepecki. Lembram-se daquela história do cara na Praça Taksim, na Turquia, que ficou parado, e a polícia não sabia o que

fazer com ele?⁷ A manifestação dele era ficar parado. Tinha havido muita pancada nos manifestantes por causa daquele parque que ia ser transformado, no processo de gentrificação da cidade. O cara ficou parado, e aquilo impulsionou uma série de pessoas a se imobilizarem pelo mundo afora da mesma maneira. Tem também os *die-in*, quando o pessoal se deita, como mortos – há inúmeras performances. Essa questão da dança, da imobilidade, do ato imóvel, da dança exausta... Pego isso para falar que para mim a Jean é presença invisível, legado. É o mesmo microgesto, o mesmo micromovimento que o ato imóvel tem. O ato imóvel é o ato que parece que não está se mexendo, mas está: há respiração, há circulação sanguínea, há movimentos corporais. O cara tá parado, mas na verdade há movimento, há vida. O Lepecki fala de essa coisa ser contra... no debate da dança moderna... ser contra a circulação do capitalismo. Então eu imagino aqui esse movimento imóvel da Jean, que ela ocupa em nós todos, não como um lugar teórico, como vocês falavam no início. Isso não tem interesse nenhum, nem é isso que é importante, mas ela ter deixado coisas. E uma das coisas que ela deixou, Scott, foi tu e o Alan⁸ naquele ciclo de cinema que eu organizei em 2018/2019, o “Cidades Rebeldes”,⁹ lembra? Tu e o Alan estavam como debatedores, e a Jean, no público. Então é como se tivesse o fio ao contrário: ela na minha banca, depois ela me convidando, e finalmente ela no público, assistindo ao filho, com os legados, com o Scott, que é uma ligação da Jean com o GESTO e com o Departamento de Antropologia. Foi essa a brincadeira que eu procurei fazer, esses três gestos, e de alguma forma falar de três ciclos dos meus encontros com a Jean. Eu disse para a Vânia: “*Cara, vou fazer uma coisa muito afetiva, muito de aguçar o pieguinhas*” [risos].

⁷ Erdem Gündüz, em 17 de junho de 2013, permaneceu parado por horas, em silêncio, na Praça Taskim, um gesto em contraponto à violenta repressão do governo de Recep Tayyip Erdogan aos protestos no Parque Gezi.

⁸ Alan Langdon, filho de Jean. Alguns de seus trabalhos audiovisuais podem ser visualizados em seu canal na plataforma Vimeo. Disponível em: <https://vimeo.com/alanlangdon>. Acesso em: 8 jul. 2022.

⁹ “Ciclo de Cinema Cidades Rebeldes”, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC. Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/category/Community/Cidades-Rebeldes-Ciclo-de-Cinema-863396083831571/>. Acesso em: 8 jul. 2022.

Os gestos da Jean

Paulo Raposo

O meu encontro com Jean se fez numa junção de gestos e de palavras. Mistura, afinal, de que ela tanto gosta e explora nos seus textos e reflexões e que são a agenda científica deste coletivo – o GESTO.

Seu percurso no campo dos Estudos da Performance e da narrativa abriu-se a partir dessa confluência entre gestualidade e palavras; seus protagonistas foram também personalidades relevantes para a carreira e para o fluxo de pensamento de Jean – John Austin, Richard Bauman ou Charles Briggs, entre muitos outros. E esse fluxo chegou a mim lá pela virada do século. Meu primeiro ciclo de encontros se deu lá atrás, pouco depois da virada do milénio, algures em 2001 ou 2002. Eu estava finalizando minha pesquisa de doutoramento, e nossos caminhos se cruzaram por conta de uma amiga em comum e porque Jean estava lecionando uma disciplina na nossa universidade – antropologia da saúde e da doença –, no âmbito de uma estadia de pós-doutoramento em Lisboa. Recordo, nesses encontros que tivemos – ora em jantares de conversa fiada, ora em trocas de conversas nos corredores –, especialmente dois momentos: um primeiro, bem animado, em que ela me acompanhou num dos espetáculos-performances que eu estava analisando para o doutorado (Bonecos ou Marionetas de Santo Aleixo); e um segundo, bastante inquietante mas curioso, em que ela se perguntava por que seus alunos portugueses eram tão positivistas e racionais sempre que se falava de transe, xamanismo e alterações de consciência, procurando sempre saber se “aquilo” era verdadeiro ou “teatro”. O primeiro momento acabou por conduzir Jean à minha banca de doutorado como principal arguente, o que me deixou muito confortável e tranquilo na época, porque eu estava sem grandes interlocutores na academia portuguesa no que dizia respeito aos Estudos da Performance. O segundo momento permitiu-me perceber como a prática antropológica pode (ou não) dinamitar mentalidades, abalar estruturas de pensamento instaladas, criar fissuras no pensamento hegemônico e dominante. E, de certa forma, Jean surgia como que um “trickster” turneriano perturbador nesse jogo entre as convicções racionais e morais dos meus estudantes e as etnografias das “florestas”, dos lugares sombrios, das sombras, das trevas. Jean, tal como os seus xamãs Siona, parecia trazer para a velha urbe colonial imperial o imaginário liminal da floresta. Jean era, por assim dizer, uma árvore.

Mas era também essa árvore num outro sentido. Na floresta imensa de referências em que eu andava vivendo/lendo nos Estudos da Performance, nos estudos teatrais, na antropologia do corpo e do ritual... uff... uma floresta imensa e desconcertante, ali no meio da floresta eis que me deparo com uma árvore que me olha e escuta – uma interlocutora. Essa foi, portanto, a primeira palavragesto (como as palavrasimagens de Paulo Freire, que neste momento povoam a tese de um orientando meu – brasileiro – em Lisboa, sobre outras florestas tropicais, africanas, são-tomenses) que se formou no meu imaginário sobre a Jean. E é talvez a forma como a recordo hoje.

#palavragesto1 – A árvore

A árvore, na arte corporal espiritual do yoga, significa o poder do enraizamento, a capacidade de equilíbrio, o foco e a concentração. E, tal como as árvores ao sabor da brisa ondulam e se agitam sem se desenraizarem, Jean surgiu (não apenas por ser uma mulher alta e esguia), mas esse gesto de corpo, um equilibrado balanço que eu precisava no meu percurso inicial de formação como antropólogo, no meu contacto com o mundo da antropologia da performance. Uma árvore com suas raízes longamente distendidas, oriundas de uma distante região norte-americana e firmadas na ponta sul desse continente, que atravessando o oceano me contaminou e me fez mais tarde atravessar esse mesmo oceano. Mas essa será a palavragesto seguinte.

Por volta de 2009, depois de sucessivos desafios, Jean me convidou a atravessar o oceano para oferecer junto com ela um curso na UFSC, para os estudantes da pós-graduação em antropologia. O curso se chamou “Antropologia e performance”. E foi claramente o momento de empoderamento, crescimento e autonomia no meu percurso acadêmico, como pesquisador e como pessoa. Vencendo a zona de conforto que era o reduto europeu (e em particular o meu país), decidi, a seu impulso, me envolver na aventura mais prazerosa e frutuosa que minha vida profissional alguma vez me deu. Encontrar o Brasil, e aqui sim “descobrir” se aplica com propriedade e sem dolo, descobri-lo para ser totalmente afetado por ele. Minha vida acadêmica e meu diálogo na antropologia não mais deixaram cessar – com os colegas, as colegas, os alunos e as alunas – as partilhas com pessoas desse verdadeiro Novo Mundo para mim. E tantas metáforas coloniais me levam obviamente a pensar numa outra palavragesto que poderá desenhar um pouco do que esse segundo ciclo de encontros significou para mim.

#palavragesto2 – A ginga

A ginga é o movimento básico da capoeira, arte corporal de resistência e de expressão, de raízes africanas, associada ao processo de escravização colonial decorrente do movimento forçado de pessoas do continente africano para a Europa – e, neste caso concreto, para as Américas. A ginga é frequentemente associada ao movimento que as pessoas escravizadas configuravam subtilmente e clandestinamente como um gesto de resistência, de afirmação e de luta, matizado assim pelo componente de “dança” que compõe essa gestualidade na capoeira. Esse movimento subterrâneo, mas que se tornou indelével, para sublinhar o enfrentamento de um desafio enorme que se colocou, tornou-se em mim um modo de existência, um continuado retorno, uma partilha renovada constantemente que me liga hoje de forma intensa ao Brasil e aos colegas e às colegas – que viraram amigos e amigas – num afeto de ideias, projetos e colaborações.

Mas é comum esconder na ginga também a malandragem do capoeirista para enganar o seu adversário. Essa é talvez uma outra das componentes artísticas e políticas curiosas desse movimento e da capoeira em si. E essa revelação da sua classificação como gênero performativo híbrido, entre a luta, o jogo e a dança, me leva a propor uma analogia com um outro impacto que ocorreu nesse segundo ciclo de encontro com Jean. Resultado da minha estadia no Brasil, em 2009, onde pude conhecer e viajar de lés a lés nesse “continente”, somei dezenas de contactos com colegas que foram afinal somando-se numa rede de antropólogos, artistas, ativistas ligados em algum momento pelo mundo da performance. E isso me motivou a devolver o convite a todos e todas, no ano de 2011, para um encontro – o primeiro, aliás, em Portugal – de antropologia da performance, congregando antropólogos e antropólogas em diálogo com artistas e com apresentações performativas. O encontro jogava justamente como a malandragem da capoeira, com a dimensão liminar da performance no campo artístico e com o estatuto híbrido da antropologia da performance na academia, e recebeu o título interrogativo de “No Performance’s Land?”, que nos levava a pensar em múltiplas outras interrogações: em que medida existiria ou não espaço para a antropologia da performance e para a performance-arte? De que forma esse espaço seria uma ocupação de uma terra de ninguém? Um lugar onde as regras, os critérios e os diálogos seriam baseados na liminaridade dos seus territórios.

Esse momento de partilha entre todos e todas nós estava ancorado, afinal, percebo hoje claramente, no impulso inicial que Jean

me deu para atravessar o oceano, na rede de colegas que me foi apresentando, muitos e muitas aqui presentes neste webinar, e que culminou na cereja em cima do bolo, como se costuma dizer: na publicação em livro das comunicações e das reflexões de acadêmicos e artistas presentes no evento, pela editora universitária EdUFSC, com o apoio decisivo do Instituto Brasil Plural, que a Jean dirigia na época. O título do livro acabou virando uma gíngua mandigueira também (mas isso é uma piada entre mim e Vânia, que não vou aqui revelar, como impõe a regra do segredo em tantos rituais) e resultou se chamar A terra do não-lugar: diálogos entre antropologia e performance, com organização de John Dawsey, Teresa Fradique, eu próprio e a inestimável colaboração da Vânia Cardoso em todo o processo negocial editorial, de traduções e de revisões. Nesse segundo ciclo de encontros e cruzamentos com Jean, ressalta-se por fim uma certa maturidade reflexiva das margens da antropologia, maturidade reflexiva que encontro na capoeira enquanto prática corporal nas margens da dança e da resistência, como imagens-espelho nesse jogo metafórico de comparações entre palavrasgesto.

#palavragesto3 – Ato imóvel

Chego, por fim, ao último ciclo de encontros nesta viagem entre afetos, biografias e percursos acadêmicos. Esse é o ciclo que eu imagino associado aos legados e a certas invisibilidades perenes. Em meados de 2017, Vânia me informa que vai abrir concurso para professor visitante na UFSC, no departamento de antropologia, e me desafia a concorrer. Eu sou apanhado de surpresa e espanto, e minha primeira reação é: “Mas eu não vou conseguir nunca esse lugar”. Mas decido aceitar o desafio. Acabei ficando e vivendo por um ano em Floripa – de agosto de 2017 a agosto de 2018 – para participar na atividade letiva do departamento, em dois cursos. No âmbito de um deles, organizei um ciclo de cinema com rodas de fala chamado “Cidades Rebeldes”. E esse ciclo teve justamente numa das sessões iniciais a participação de um cineasta que eu havia conhecido pela mão de Jean, e que é aliás seu filho, Alan Langdon, junto com um dos membros mais ativos do GESTO e colega com grande afinidade teórica e pessoal com Jean, o Scott Head. O filme em debate foi o de Tony Gatlif, Os indignados, mistura de documentário e ficção que fazia um relato dos acontecimentos políticos e dos movimentos sociais na Europa, em particular no Estado espanhol, vistos pelos olhos de uma jovem imigrante africana. Esse ciclo de debates e conversas deu também origem a uma proposta de livro, que fiz junto com

Scott e com Allende Renck, parceiro de viagens encontrado nessa segunda estadia em Florianópolis. Dessa vez, não apenas a Jean, já aposentada, acolheu positivamente o projeto, como as restantes colegas que estavam agora colaborando na direção do IBP,¹⁰ e uma vez mais também Vânia Cardoso fez aqui a ponte entre mim, a editora e a coleção Brasil Plural. E curiosamente o projeto fica também ligado a uma proposta resultante desse grupo de pesquisa, o GESTO, e à rede de pesquisa do IBP em “Arte, performance e sociabilidades”.

Evidentemente, o que me resulta inegável nesse ciclo último de encontros são sobretudo os impactos mais invisíveis e os legados relacionais e de influência acadêmica que Jean foi deixando indelevelmente assinalados, seja no Departamento de Antropologia da UFSC, seja no Instituto Brasil Plural, seja aqui no GESTO.

Por essa razão, me veio à lembrança uma ideia debatida por um parceiro de todos e todas nós, André Lepecki, investigador luso-brasileiro que esteve presente em muitos dos acontecimentos aqui recordados e que passou também pelas atividades do GESTO e da UFSC. Falo do conceito de imobilidade e dos micromovimentos envolvidos nesse ato imóvel (respiração, circulação sanguínea, presença) como gesto de resistência política no quadro da dança contemporânea. Lepecki procura pensar a recusa do movimento como caminho de ruptura com a modernidade e com determinada noção de coreografia. Ele apresenta a ideia de que há uma associação direta entre a constituição da noção de coreografia na modernidade e o projeto de um sujeito cinético e de uma ontologia do movimento, projeto que seria o fundamento central da modernidade em geral, ligada à circulação de capital, de mercadorias e de pessoas, tão marcante e constituinte do capitalismo moderno. De alguma forma, no projeto de dança moderna no Ocidente, há a articulação entre uma incessante motilidade e a exibição de um corpo e de uma subjetividade cinéticos. Lepecki recorre à noção de ato imóvel, proposta pela antropóloga Nadia Seremetakis, como um conceito que descreve “[...] momentos em que um sujeito interrompe o fluxo histórico e pratica a interrogação histórica” (LEPECKI, 2008, p. 36). O mesmo gesto de imobilidade se espalhou por diversas praças, diversos protestos, nos últimos anos, face ao agressivo movimento de processos de gentrificação, de

¹⁰ O Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Brasil Plural (INCT-IBP) é um dos poucos INCTs da área da antropologia, coordenado por Jean. Para mais informações, ver: <https://brasilplural.paginas.ufsc.br/>.

dominação econômica, de exclusão imobiliária, de discriminação de grupos e minorias dissidentes etc. Atos imóveis de protesto (desde o clássico ato de desobediência na praça Taksim até o Parque Gezi, na Turquia, dos standing still aos die-in), que são afinal a última palavragesto que aqui evoco e que metaforicamente sugerem no encontro com Jean o que invisivelmente é transmitido ou o legado que foi criando.

Scott Head: Posso só comentar? Talvez a gente pudesse pensar um pouco nessa *palavragesto* enquanto modo de construir o texto e contribuindo com outras *palavrasgesto*. Eu não tinha pensado nesse sentido, mas acho que seria bem legal expandir isso para o texto como um todo.

Vânia: Em algum momento a Evelyn tinha sugerido, ou a Lu, de falarmos em pegadas da Jean. Sempre com essa ideia de algo que vai deixando traços. É muito bacana te ouvir, Paulo, a maneira como você foi colocando essa ideia, de que são esses traços que permitem que a gente esteja aqui, de uma certa maneira, essa roda que a gente vai criando. Você usou o exemplo do Scott falando com o Alan no público, e eu estou me lembrando do Scott na defesa da Marcela.¹¹ Ela é uma terceira geração do GESTO, e o John e a Viviane estavam na banca. Tem essas novas conexões que são feitas nesses atos de produção, como você estava fazendo aqui também. A gente trouxe o Rubens, que foi orientando do John um tempo atrás, para vir conversar sobre performance com os alunos da graduação. Então, esses movimentos que se espriam em múltiplas gerações, é bem bacana de pensar.

Luciana: Eu fiquei pensando, Paulo, gostei muito de te ouvir. Fiquei me lembrando de quando a Jean voltou de Portugal, em 2002, ela estava me orientando no doutorado. E aí ela falou assim: “*Você tem que conhecer o Paulo*”. Você vê, faz quase 20 anos. E aí ano passado eu fui fazer um pós-doc com você em Portugal – esses encontros, reverberações e articulações são muito ricos. Quando eu recebi o convite para participar do livro em homenagem à Jean, eu pensei: “*Eu vou escrever uma carta para ela*”. Pensando nisso que você falou, acho que tem relação.

¹¹ Marcela Maria Soares defendeu a tese de doutorado “*Haja vida: teatro à deriva em São Paulo*”, em março de 2020.

Brasília, 26 de janeiro de 2021.

Querida Jean,

Faz um tempo que não escrevo cartas, mas resolvi recorrer a esse formato porque nesses árduos tempos de isolamento social me parece que a carta restaura a possibilidade da intimidade pela palavra – tão cara a nós, que nos especializamos em ouvi-la, em performance, nos mais diferentes contextos.

Recuperei um texto que havia escrito, a pedido do John, para fazer sua apresentação na ANPOCS, em 2016, e a partir dele fui me lembrando de nossa história em comum.

Vou contando histórias, porque as histórias marcam minha trajetória de pesquisa e meu encontro contigo.

As palavras, os gestos e as poéticas de quem conta sempre me encantaram. Eu era uma estudante recém-formada em teatro, apaixonada por antropologia, nos idos da década de 1990, quando te conheci. Tentava ingressar no mestrado, ainda com referências incipientes na área, e tu acreditaste no projeto daquela desconhecida que pretendia investigar as performances de contadores de causos gaúchos, nas pampeanas fronteiras entre Brasil, Argentina e Uruguai.

Foi contigo que passei a compreender com maior profundidade as diferentes artes de combinar as palavras. E que, para entender as palavras e seus múltiplos significados, temos de exercitar a escuta. Muita escuta. Até hoje, quando me dizem que sou uma contadora, eu corrijo: sou uma escutadora de histórias.

Apreendi isso contigo, Doña Juanita – sei que os Siona, com quem passaste boa parte dos últimos 40 anos, escutando e anotando mitos, sonhos e projetos, te chamam assim. E para mim a lindeza disso tudo é saber que transformaste a escuta em ação, contribuindo com o programa de etnoeducação da Asociación de Cabildos Indígenas de los Pueblos Siona (ACIPS), reforçando a necessidade de revitalização da língua Bain Coca. Indico a todos que queiram conhecer melhor teu trabalho que assistam ao belo documentário Taller de Bain Coca con el pueblo Siona del Putumayo, de 2015, dirigido por ti e pelo Alan, pois conta/mostra em detalhes esse processo.

Esse comprometimento da antropologia com a vida social ganhou novas dimensões e reverberações com a criação do Instituto Brasil Plural, que lideras há muitos anos. No IBP se entrelaçam as contribuições da antropologia para a elaboração de políticas

públicas com a formação de profissionais que atuam tanto no âmbito acadêmico quanto junto às comunidades parceiras. No instituto, escuta e ação necessariamente encontram-se juntas.

Nos teus inúmeros livros, artigos, projetos, tens nos mostrado que as narrativas orais ocupam um lugar central na vida em sociedade e que possuem o poder de agir na cura, na organização das experiências, na expressão das sensibilidades, nas relações de poder, na comunicação em diferentes instâncias. Em tua trajetória, os conceitos de etnografia, contextualização, xamanismo, performance e dialogicidade se juntam a uma profunda ética de respeito, humildade e generosidade no trabalho antropológico e nas relações pessoais. Nos mais de 30 anos no Brasil, tens formado uma considerável geração de pesquisadoras(es) e professoras(es) que atuam nos campos da saúde indígena, dos Estudos da Performance, da arte verbal. Todos nós, creio, aprendemos a importância de estar junto, ouvir, trocar, respeitar nossos interlocutores, assim como fizeste com o taita Felinto ou Aurelio Maniguaaje. Nossos parceiros de pesquisa têm nomes, sobrenomes, autorias, vozes e participações efetivas em nossos trabalhos e em nossas vidas.

Trago um exemplo disso: recentemente, no final de 2020, comeci a sentir alguns sintomas, como febre e dor de garganta, e corri para o hospital, para fazer o teste de covid-19. Enquanto esperava ansiosa pelo atendimento, numa sala sombria, ouvindo a equipe médica comentar sobre um óbito recente, recebi uma mensagem de Luís Samite, um interlocutor da província de Corrientes, Argentina, que conheço há mais de 20 anos, me contando empolgado que o chamamé havia sido declarado Patrimônio da Humanidade. Conteí onde estava e o que estava passando, e, antes de qualquer outra pessoa, foi ele que disse, com a cadência de sua voz de payador, as palavras de apoio que eu estava precisando ouvir. Eu conteí, ele escutou.

Estou tentando não ser piegas, até porque sei que tu odiarias isso, mas para mim foste e és uma mestra em diversos sentidos. No seminário em tua homenagem, que houve na UFSC quando te aposentaste, falei que evitaria “rasgar seda”. Fui pesquisar e descobri que a expressão teria sido criada por Martins Pena, um dramaturgo do século XIX, famoso pelas mordazes e espirituosas críticas à realidade do Brasil Império de então. Temos que cuidar para não rasgar seda, pois ela pode se esfiapar... Prometo tentar evitar, mas a verdade é que, além de professora exemplar, que leva para suas aulas páginas e páginas de anotações, críticas e questionamentos, tu és uma orientadora que respeita a autonomia intelectual e criativa dos alunos e lhes fornece suporte em

diferentes níveis, que excedem em muito o campo acadêmico. No final do meu primeiro ano de doutorado, às vésperas de qualificar, perdi meu avô; quando estava próxima a data de defender a tese, perdi minha avó. Partiram meus primeiros narradores, e, por uma dessas artimanhas dos espíritos que escrevem o roteiro de nossas vidas, logo em seguida engravidei. Respeitaste meus lutos e meus partos. E, quando tive aquele momento de banzo pós-defesa e andava com um bebê pelos eventos e corredores de universidades, aceitaste encarar comigo uma pesquisa sobre o estado da arte da antropologia da performance no Brasil – que até hoje nos rende frutos e reflexões. Criamos juntas o GESTO, em 2005, e é bonito perceber como o grupo prossegue fomentando debates entre alunos e pesquisadores e promovendo intercâmbios com colegas de diferentes instituições. Acho que fomos felizes no nome – os gestos nos definem, nos marcam, nos movem.

Querida, queria poder cantar em homenagem à Doña Juanita como as mulheres Siona fizeram no final do filme sobre o taller de Bain Coca, então peço emprestada uma cantiga do cacuriá, que deve ser devidamente dançada quando pudermos nos reunir presencialmente de novo:

*Eu vou dar a despedida
Como deu a Jaçanã
Ah, eu não canto tudo hoje
Deixo o resto pra amanhã*

Luciana: Retomando: talvez a gente pudesse brincar com o texto meio híbrido. Eu morei na casa da Jean, cuidei dos cachorros dela, dirigi o fusquinha dela, bebi cachaça com ela, comendo ostra lá na Ponta do Sambaqui... Ela tem uns atos de generosidade que não são, assim, sentimentais, eles são muito objetivos. Eu e ela participamos do primeiro encontro de etnocologia, que aconteceu em 1998, acho, na Bahia, organizado pelo Armindo Bião, da UFBA [Universidade Federal da Bahia], e pelo João Gabriel Teixeira, da UnB [Universidade de Brasília]. Eu como ouvinte, ela como convidada. Na época eu fazia mestrado, era estudante, dura. Fiquei na casa de um amigo de uma amiga, superlonge da UFBA. Aí no segundo dia do evento a Jean me falou assim: “Você não quer vir para o hotel comigo?”. Um hotel cinco estrelas, num lugar supernobre, pertinho do evento. E eu dividi o quarto com a minha orientadora. Eu acho que essas coisas são importantes de a gente falar. Hoje em dia, eu, como professora, como orientadora, me inspiro muito

nessa maneira de ela ser. Tem uma generosidade que ao mesmo tempo é focada, é objetiva: “*Olha, está sobrando uma cama no meu quarto, e você tá pegando um ônibus durante duas horas para chegar ao evento*”. E tem essa coisa que você fala, que é de um certo empoderamento, de uma autonomia, de “*vai buscar o teu caminho*”. Eu, por exemplo, ia fazer o meu doutorado-sanduiche em Nova Iorque. O projeto era esse, com o [Richard] Schechner, no “*Performance Studies*” da NYU [Universidade de Nova Iorque]. E aí acontece o [atentado de] 11 de setembro [de 2001]. Eu fiquei apavorada: “*Eu não quero ir para Nova Iorque!*”. Mudei tudo em seis meses. Eu fui para a França, e quem me ajudou foi a Soninha Maluf [Sônia Weidner Maluf], que era minha coorientadora, porque a Jean não tem relação com a França. Fui estudar antropologia visual com o Marc[-Henri] Piault, mas ela sempre me apoiou: “*Vai. Vai. Você que sabe. Faça o que você entende que é melhor*”. É bacana isso. É por isso que gosto muito da ideia dos gestos da Jean.

Scott: Só compartilhando, eu pensaria em seguir essa pegada, mas neste caso seguindo um gesto que se estende para além do universo acadêmico, dos variados campos de pesquisa em que a Jean deixou pegadas. No caso, penso no “Sopão de Cinema” – um evento recorrente que nem foi realizado por Jean, mas pelo Alan, filho dela. Mesmo assim, para mim, foi em parte pela amizade com Alan que acabei me aproximando da Jean – foi um pouco por aí que tecemos esse lado afetivo; mais que isso, acho que tem uma potência metafórica e material, ao mesmo tempo, para dar conta desses lados da Jean. O “Sopão de Cinema” foi um evento que o Alan fez durante alguns anos. Quando a gente veio para cá [Florianópolis], em 2007, se não me engano, já estava rolando. Ele chamava todo mês o pessoal que quisesse participar, tinha muita gente, não da academia, não tinha uma ligação direta com o GESTO; a Jean nem costumava ir. O que acontecia era que Alan fazia um sopão, literalmente, e mostrava um filme. Podia ser filme mais experimental, documentário ou de ficção – de curta, longa ou média-metragem –, realizado por conhecidos ou não, ou por ele mesmo. O que mais importava era que vinha sempre acompanhado por aquele sopão – o olfato estimulando a fome enquanto assistíamos ao filme. Vejo a conexão como emblemática dessa dualidade da Jean que vocês vinham apontando: tem um lado objetivo, contar alguma coisa, mostrar uma coisa, construir uma narrativa, apresentar etc. E tem esse lado de que não vai ser só aquilo, tem que colocar a mão na massa, tem que ter uma *coisa* para compartilhar. Evidentemente, o sopão sempre

vinha acompanhado por uma garrafa de cachaça, com gengibre dentro. Era só para a gente poder falar bem depois de ver o filme, para ninguém ficar com dor de garganta [risos]. Eu estou precisando um pouco agora! Então pensei em uma coisa assim. Eu sei que eu vou ganhar pontos se eu faço referência ao Alan no texto, é pura estratégia [risos].

Paulo: Aliás, eu conheci a Jean com o filho aqui em Portugal.

Scott: Isso já dava para fazer uma análise, Paulo. De que você imagina a Jean como uma pessoa superalta. Eu achei ótimo.

Paulo: E a Micol¹² me dizia: “*Mas ela é baixa*”. E eu: “*Não é, cara. Ela é alta, eu estou vendo que ela é muito alta*”. Eu não sei se eu era baixo nessa altura, talvez. É que são as imagens que tu tens, imagens que trazem a questão da árvore, do esguio da figura dela, daquela figura que tu olhas: é uma pessoa para quem se olha. A Jean tem qualquer coisa que nos leva a olhar. E, depois, tem aquela coisa que o John falava, que é uma pessoa atenta, está escutando, escuta com muita facilidade. E isso não é muito comum, as pessoas dificilmente nos escutam. E, quando você é jovem investigador, isso é central. Acho que foi aí que ela me ganhou.



Imagem: Alan Stone Langdon.

¹² Micol Brazzabeni, antropóloga, autora de diversos trabalhos sobre economias ciganas e escola, esteve em Florianópolis entre 2016 e 2017.

John: Eu adorei tudo que vocês estão falando. Paulo, Luciana, Scott, muito legal. Estava lembrando as coisas das imagens, lembro uma conversa com a Jean falando do avô dela. Era um pintor conhecido, que pintava os índios Sioux dos Estados Unidos. Eu achei sempre legal isso, porque ele era meio aventureiro. Ele era um aventureiro que pintava os índios Sioux. Ela foi dos Sioux para os Siona, e também foi uma aventureira. Ela deve ter feito a pesquisa de campo dela nos anos 1970. Eu me lembro dela falando isso, ela botou na cabeça que ia para a Colômbia. Ela falou da experiência dela descendo o rio de canoa. De repente, ela, como se entrando em transe, viu que estava fazendo tudo aquilo que queria na vida. Eu achei muito legal isso. Ela é uma pessoa que respeita silêncios, que valoriza silêncios e palavras. Então foi ouvir os Siona. Tem essa coisa da coragem dela, que eu admiro muito. Coragem sem sentimentalismos. Tem sentimentos, mas não é sentimentalismo. Isso realmente chama muito a atenção. Eu lembro que no início eu falei: “*Nossa, acho que essa mulher é meio fria*”. Achava ela distante. O impacto foi muito grande quando eu vi essa Jean que é generosa. São sentimentos muito verdadeiros, muita simplicidade também. Ela é uma pessoa que gosta de festa. Isso é muito legal. Eu lembro um momento, totalmente anedótico. Eu tenho uma afinidade com a Jean, e com o Scott também, por essa coisa de ser de família americana, mas que fez a opção pelo Brasil. A gente sempre falou em português, eu e a Jean, normalmente, sem nenhum esforço – era natural. Eu nasci no Brasil, mas de família americana também. Eu lembro um dia, no intervalo de um encontro em São Paulo, ela falou: “*Vamos tomar um café com leite?*”. Falei: “*Vamos*”. A gente foi à padaria Estrela, do Butantã. A gente tomando café com leite – pingado –, e acho que era pão na chapa, talvez um queijo branco. A gente conversando, de repente ela falou: “*Hoje é Thanksgiving*”. *Thanksgiving* nos Estados Unidos é uma grande festa. Fazia muitos anos que eu nem pensava em *Thanksgiving*, mas nos Estados Unidos é uma grande festa, de agradecimento, pelas dádivas recebidas. Daí ela falou: “*Hoje o meu Thanksgiving é com você, John*”. E aquilo me tocou muito, porque era uma lembrança que eu tinha de infância. Minha mãe gostava de *Thanksgiving*. Não estou pensando nela como mãe, lógico, ela é minha colega. Mas ela falou: “*Hoje meu Thanksgiving é com você, John*”. E aquilo me marcou muito, um gesto tão simples. E a gente comendo pão. Lá nos Estados Unidos, é peru e muitas coisas, muita abundância. Claro que tem um lado colonialista dessa festa também, na relação com os índios. Mas ela só falou isso, muito simples assim: “*Hoje o*

meu Thanksgiving é com você, John". Eu falei: "Caramba, acho que é o melhor Thanksgiving que eu já tive, na verdade". E ela é uma pessoa da dádiva. Ela te coloca em relações de dádiva, realmente. São pequenos gestos que dizem muito, na verdade.

[Eis o texto que John havia escrito como apresentação da trajetória da Jean, no contexto da "Conversa com os autores", no "40º Encontro Anual da ANPOCS", em 25 de outubro de 2016.]

I. Origens: Colorado e John Dare Howland

Esther Jean Matteson Langdon.

Jean nasceu no estado do Colorado, nos Estados Unidos, na região das Montanhas Rochosas e também de um dos maiores rios dos Estados Unidos: o rio Colorado. O seu bisavô, John Dare Howland (1843-1914), foi um aventureiro. Saiu de casa aos 14 anos de idade. Navegou o rio Missouri, fazendo comércio com peles de animais. Fez amizade com os índios, pintando os seus retratos e os seus costumes. Dedicou-se à arte. Virou frontier artist, artista de fronteira. Foi morar com os índios Sioux (Sioux indians). Morou com eles durante seis anos. E se vestia de buck skin, uma roupa feita com peles de animais. Por meio de suas pinturas, ele fez um retrato vivo dos Sioux indians no momento em que corriam riscos de desaparecimento.

Jean cresceu numa casa com muitas pinturas do povo indígena retratado por seu bisavô. Desde a adolescência ela queria morar com os índios. Não para ensinar. Ela queria aprender com eles.

II. Antropóloga de verdade

Os dados estão no Lattes: 102 artigos, 9 livros, 61 capítulos de livros [...]; pesquisadora CNPq 1B [...]; 191 apresentações em eventos acadêmicos [...]. Orientou 27 teses de doutorado e 53 dissertações de mestrado.¹³

Os números impressionam. Mas ainda dizem pouco.

Caso o bisavô de Jean Langdon, o pintor de fronteira, fizesse um retrato da bisneta, o título do retrato poderia ser: Jean Langdon,

¹³ Estes são números atualizados em 3 de setembro de 2020. Em 2016, os dados eram: 81 artigos, 8 livros, 57 capítulos de livros; pesquisadora CNPq 1B; inúmeras apresentações em eventos acadêmicos. Orientou 23 teses de doutorado e 52 dissertações de mestrado.

uma antropóloga de verdade. Com os movimentos do pincel, procuraria captar os traços da antropóloga:

1. Primeiro, em cores avermelhadas, coloradas: os traços de uma antropóloga em movimento, em meio a uma viagem de descoberta, possivelmente descendo o rio Putumayo.

2. Segundo, em cores marrons e azuis, as cores do Putumayo, os traços da antropóloga ouvindo as histórias que fluem das nascentes do tempo como as águas dos rios.

Na verdade, esse retrato da antropóloga o bisavô não precisaria pintar. Ao longo da vida de Jean, marcada pela aventura antropológica e pela etnografia da audição, o retrato foi surgindo e se pintando.

III. Graduação: Carleton College e posseiros em Costa Rica (1962-1966)

Nos anos de 1962 a 1966, Jean realizou o seu curso de graduação em antropologia e sociologia na Carleton College, Northfield, Minnesota. Nesse período, com uma bolsa da Fundação Nacional de Ciência (National Science Foundation), Jean passou um ano morando e estudando com posseiros (squatters) de áreas rurais na Costa Rica.

IV. Mestrado: University of Washington e acampamentos de protesto (1966-1968)

De 1966 a 1968, o seu mestrado em antropologia na Universidade de Washington. Nesses anos de manifestações contra a Guerra do Vietnã e contra o racismo, Jean participou de movimentos sociais, morando em acampamentos de protesto em Washington – em ruas e praças. Em 1968, ela passou três meses no México, morando com trabalhadores temporários, boias-frias.

V. Doutorado: Tulane University e experiência no Putumayo (1968-1974)

De 1968 a 1974, o seu doutorado em antropologia na Tulane University, EUA. Nessa época a antropologia médica era um campo emergente. Recebeu proposta para ir à Colômbia. Um convênio entre a Tulane University e a Universidad del Cauca, na Colômbia, possibilitou a sua ida.

Jean, que havia nascido no Colorado, o estado das Montanhas Rochosas, queria fazer pesquisa nos Andes. Ela realizou pesquisa

com os índios Siona. Morou com eles no rio Putumayo, que nasce nos Andes e desemboca no Amazonas. Ali morou durante três anos.

Entre os Siona, adotou inicialmente a metodologia da etnociência. Mas os índios não tinham paciência com esse tipo de metodologia. Eles queriam contar histórias. Por meio de narrativas, falavam das doenças, dos males, das curas, dos sonhos e dos acontecimentos do dia a dia. Vem daí o interesse de Jean por performances narrativas.

Os Siona, ela aprendeu, são um povo gentil e amoroso. Apreciam o silêncio. Assim marcaram a vida de Jean.

Certa vez, descendo o rio Putumayo, ao pôr do sol, no início da noite, Jean teve uma experiência mística que veio com a força de uma revelação: aos 26 anos de idade, descendo o Putumayo, ela teve a percepção de que havia realizado o sonho de sua vida.

Na redação de sua tese, Jean seguiu padrões consagrados no campo da antropologia e produziu uma tese num estilo clássico. Mas não deixou de surpreender os membros da banca. Um deles comentou: “Sabe, quando comecei a ler... fiquei cativado... Você nos dizendo que os índios têm um conhecimento do universo que nós não temos”.

VI. CUNY: enviando estudantes para pesquisar nos bairros (1974-1976)

De 1974 a 1976, Jean foi professora da City University of New York (Universidade da Cidade de Nova York), CUNY, EUA. Muitos dos alunos eram descendentes de italianos, e já eram ou estavam se preparando para serem policiais. Jean, que havia participado de manifestações contra a Guerra do Vietnã e contra o racismo, agora estava dando aula para futuros policiais. Ela os enviou para fazerem pesquisas nos bairros onde moravam.

VII. Cedar Crest College: questões de gênero (1976-1981)

Em 1976, Jean foi contratada como professora para lecionar na Cedar Crest College, em Allentown, Pensilvânia – uma college (faculdade) para mulheres. A Cedar Crest College fez com que a Jean se engajasse em questões de gênero, ou, como se dizia na época, papéis sexuais. Escreveu artigos sobre mulheres Siona, sobre migração de mulheres e sobre o status de mulheres em diferentes sociedades. Esse conjunto de artigos constitui uma de suas importantes contribuições ao campo da antropologia.

Ela permaneceu em Cedar Crest por oito anos. Ganhou tenure, estabilidade. Mas logo sentiu que a estabilidade poderia ser uma ilusão. Perguntou a si mesma: “Será que eu realmente vou querer ficar aqui, andando pelos mesmos corredores, durante os próximos 20 anos?”. A resposta veio de dentro na forma de um sonoro e estrondoso “NÃO!”. Jean queria voltar para a América Latina.

VIII. UFSC (1983-atual)

1. Silvio Coelho dos Santos

Em 1982, Jean recebeu uma carta de Silvio Coelho dos Santos, da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. A carta havia sido enviada para muitos lugares. Silvio Coelho perguntou: “Você gostaria de ser uma professora visitante na Universidade Federal de Santa Catarina?”. Jean logo respondeu: “Sim!”. E enviou alguns dos seus artigos. Sete meses depois, chegou uma nova carta: “Você ainda está interessada?”. Ela tinha dois filhos e havia se separado do marido. Jean veio ao Brasil.

2. “O Brasil não é para principiantes”

Mas não foi fácil.

“O Brasil não é para principiantes” – é uma das frases prediletas de Jean (e de Tom Jobim).

3. Movimento dos alunos e professores (1987)

Em 1986, na hora de assinar o seu segundo contrato de professora visitante, Jean recebeu uma má notícia: “Novos contratos estão proibidos!”. Ela foi demitida. Mas deram um jeito para que ela continuasse por mais um tempo.

No ano seguinte, dessa vez... um decreto presidencial: “Novos contratos estão proibidos!”. Ela pensou: “Está tudo acabado!”. Começou a fazer as malas. Mas os seus alunos e colegas professores fizeram uma manifestação. Levaram cartazes, levantaram bandeiras. Entraram em greve para que ela não fosse mandada embora. Silvio Coelho deu um jeito. Em 1988, Jean assinou um novo contrato.

Ela estava feliz com a sua mudança para o Brasil. Os seus filhos também. Ela agora poderia fazer pesquisa no país onde morava. Não era mais uma norte-americana fazendo pesquisa em outro país. Ela morava e fazia pesquisa no Brasil.

4. Núcleo de Estudos de Saberes e Saúde Indígena¹⁴

Jean foi uma pioneira em estudos de antropologia médica e saúde indígena no Brasil. Em artigo recente, “Anthropology of health in Brazil: a border discourse” (“Antropologia da saúde no Brasil: um discurso de fronteira”), ela discute as pesquisas desenvolvidas nesse campo que ela mesma ajudou a formar. Chama a atenção o diálogo entre norte e sul, o questionamento de paradigmas elaborados em países do norte e a demonstração da força de paradigmas emergentes elaborados pelas antropologias brasileira e latino-americana. Em pesquisas desenvolvidas por seu grupo de estudos de Santa Catarina, ela logo descobriu que as questões levantadas pela antropologia norte-americana não eram relevantes. Ela estava aprendendo com os seus colegas do Brasil e da América Latina.

Nos anos 1980, na UFSC, com o estímulo dos seus alunos, um grupo de estudos se formou. Era um grupo interdisciplinar, incluindo, entre outras pessoas, um médico, uma farmacologista e dois antropólogos, Alberto Groisman e Els Lagrou. Num clima descontraído e de amizade, discutiam xamanismos e concepções e práticas de saúde entre povos indígenas. O grupo se ampliou. Nos anos 1990, transformou-se no Núcleo de Estudos de Saberes e Saúde Indígena. Um grupo pioneiro.

5. GESTO

Jean Langdon também foi uma das precursoras de estudos de antropologia da performance no Brasil. O seu interesse nesses estudos ganhou impulso nos anos de 1993 e 1994, quando realizou um pós-doutorado com Richard Bauman na Universidade de Indiana, EUA. Com Bauman, ela se aprofundou nos estudos de performances narrativas. Em 1996, Jean participou do “Encontro Internacional de Performance”, em Brasília. Entre os seus artigos, se encontram as primeiras publicações sobre antropologia da performance no Brasil.

Em 2005, Jean Langdon e sua orientanda Luciana Hartmann (hoje professora da Universidade de Brasília) criaram o GESTO – o Grupo de Estudos em Oralidade e Performance. Em 2009, o GESTO organizou o “I Colóquio Antropologia em Performance”, que contou com a presença de Richard Bauman. Os colóquios

¹⁴ O nome registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento científico e tecnológico (CNPq) é Núcleo de Estudos sobre Saúde e Saberes Indígenas (NESSI).

organizados pelo GESTO despertaram as atenções para uma antropologia em performance.

O nome é propício. Acompanhando a cultura em movimento, a própria antropologia entra em estado de performance. Acima de tudo, a antropologia desenvolvida por Jean Langdon ao longo dos anos procura acompanhar os movimentos surpreendentes da vida social.

6. Brasil Plural: trabalho em grupo

Parece que os grupos de pesquisa dos quais a Jean participa vêm aumentando de tamanho com a passagem do tempo. Desde 2009, ela coordena o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Brasil Plural. Há apenas três Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia em antropologia no Brasil. Um deles é este: uma rede de pesquisadores de Santa Catarina, Brasília, Mato Grosso e Amazônia. Dessa rede participam 200 pesquisadores sob a coordenação da Jean.

Uma coisa a Jean sempre deixou clara: ela gosta de trabalhar em grupo.

7. “Última coisa da minha vida”

O seu grupo de referência – o grupo com o qual ela mais gosta de trabalhar – é também aquele com o qual mais tem aprendido ao longo dos últimos 50 anos: os índios Siona. Entre os Siona, Jean é conhecida como Doña Juanita. Aos Siona, ela sempre retorna.

O seu novo projeto – e talvez o último, ela diz – é devolver o material etnográfico aos índios Siona. Isso para que possam fazer uso dele do jeito que acharem melhor. Com esse propósito, Jean organizou workshops com eles, mostrando o que existe no material etnográfico. A sua tese de doutorado – que ela traduziu para o espanhol – agora pode ser lida pelos Siona. Numa parceria com o seu filho, Alan Stone Langdon, produziu dois filmes.

A hora é esta. Os Siona se encontram num momento histórico de proporções míticas, de revitalização cultural. Grande parte do material etnográfico de Jean se encontra em mãos dos Siona.

Dom e contradom: o material que a Jean Langdon colheu e recebeu como um dom dos Siona volta ao lugar de onde veio – pelas mãos e com os traços de Doña Juanita.

8. Dom e contradom

Dom e contradom: hoje a Esther Jean Langdon recebe um reconhecimento das ciências sociais e da antropologia, para as quais ela tanto contribuiu.

Uma antropóloga de verdade.

Os seus principais traços:

1. O senso de aventura.
2. A sensibilidade de quem sabe ouvir.

Dos índios Sioux do seu bisavô aos índios Siona de Jean, ou Doña Juanita. Com certeza, o seu bisavô aventureiro, um frontier artist, ou artista de fronteira, chamado John Dare Howland – cujo nome do meio quer dizer “desafiar”, “ousar” –, ficaria orgulhoso de sua bisneta.

Assim também ficamos pelo privilégio de conhecê-la.

Scott: Já podia escrever o livro todo, não é, John? [risos].

Paulo: Ela tem umas loucuras com as imagens. Eu lembro para o “No Performance’s Land”, quando eu pedi a imagem dela, ela mandou uma imagem louca.



Imagem: Alan Langdon.

Vânia: Essas imagens que ela escolhe de si são ótimas. Eu morri de rir quando vi essa imagem para um evento da Abrasco: é a Jean, perfeita.

Figura 8 – Cartaz de divulgação do painel “Diálogos emergentes sobre cuidado e povos indígenas”



Fonte: Abrasco (2020).¹⁵

Scott: Os óculos escuros junto com aquele sorriso irônico, *blasé*.

Vânia: E para um contexto de *mais* uma *live*, sobre *mais* uma coisa. A cara dela é ótima [risos].

Paulo: Ela tem um episódio... No meu texto eu falo desse episódio. Me marcou bastante, é outra coisa, não é anedótico. A Jean às vezes tem uma forma de expressar o seu desacerto com o mundo que é muito peculiar. Tu não consegues encontrar pessoas assim. Ela estava a dar aulas aqui de antropologia da saúde e da doença, trabalhava muito as questões do xamanismo, do transe. Ela saía das aulas, dos

¹⁵ Disponível em: <https://www.abrasco.org.br/site/noticias/sensibilidade-e-urgencia-marcam-cuidados-com-povos-indigenas-destaca-painel/53170/>. Acesso em: 20 set. 2022.

nossos alunos portugueses, da antropologia, e dizia: “*Paulo, é muito estranho, esses vossos alunos são todos racionais, muito, são todos muito racionais. O que é que tem aqui neste país? Estão sempre questionando o transe: ‘Mas é verdade ou é mentira?’.* Caramba, mas que conversa é essa?”. E aquilo me deu uma noção, foi engraçado, porque de fato os nossos alunos – europeus, de um *status* de classe média – tinham muita dificuldade em aderir a qualquer tipo de linguagem. Ainda que fossem alunos de antropologia, tinham muita dificuldade em alcançar esse patamar da floresta, de entrar na floresta. Por isso eu usei a imagem da árvore para ela, também dessa floresta do xamã, de onde ela vai e de onde ela volta. Portanto, nas aulas, era uma espécie de luta que ela fazia, silenciosa, contra esse racionalismo instalado que não tinha capacidade de ultrapassar aquela ideia, a única possibilidade que concebiam era que fosse teatro: “*Ah, é teatro, é ilusão, é fingir, é fake, e então tudo bem*”. Mas não havia essa possibilidade. Ali eu percebi uma coisa engraçada com ela, que é essa capacidade de estranhamento que ela faz e que *visibiliza*. Ela torna isso visível no seu rosto, nas caretas, no comentário. Podíamos dizer assim: “*Não tem filtros*”. Mas não é isso, porque ela tem filtros. É uma capacidade de ir *ao osso*, direto, sem mediação, sem contemplação, mas também sem violência. Ela não queria dizer mal dos alunos, ela queria dizer: “*O que se passa nessa cabeça? Ninguém chacoalha a cabeça desses meninos?*”. É engraçado isso.

Scott: Se eu fosse imaginar um *gestopalavra* para ela, eu acho que seria muito mais “samurai” do que “capoeira”. Porque ela vai assim [faz o movimento, com as mãos, de um corte no ar]. Ela é sincera, ela não foge pelos lados [faz o movimento de esquiva com as mãos].

Viviane Vedana: Ela é sincera em um nível preciso e profundo. É uma sinceridade muito objetiva.

Scott: É aquela sinceridade que mais mata.

Paulo: E ela também era a principal da minha banca. E eu *sobrevivi* [risos].

Vânia: É interessante isso, porque tem uma frase que ela usa, principalmente quando está de mau humor. Não é mau humor exatamente, mas quando sente que as coisas estão pesadas. Ela sempre fala que está cansada da teoria. [Ouve-se um estrondo de trovão] Olha, vocês foram falar da Jean samurai, e deu uma trovoadada aqui, sacudiu o mundo inteiro.

Evelyn Schuler Zea: Aqui também, os vidros todos estão tremendo. Gente, ela estaria muito feliz se estivesse aqui agora – estava pensando nisso.

Vânia: Ela estaria contradizendo a gente, dizendo que está tudo errado [risos].

Scott: “*Isso é mentira*” [imita a forma de falar da Jean].

Vânia: Mas é essa questão de ela dizer que está cansada da teoria – a primeira reação, se você não a conhece, é que parece uma licença para você não ler mais, o que *não é*. Eu acho que tem uma outra insistência nessa antropologia. O John estava dando esse exemplo dela na canoa. Eu entendo o que você quer dizer com aventura; não é uma antropologia aventureira, mas é uma antropologia que é uma aventura de vida. E eu acho que esse é o cansaço dela com a teoria. Porque, se você olha os programas de curso dela, ela tem uma insistência na leitura, ela é super-rígida com os alunos na cobrança de um engajamento intelectual de ler, de refletir, de comentar. Ela tem uma impaciência. Às vezes tinha essa impaciência com o GESTO: “*Ah, é só teoria, não quero mais o GESTO*”. E a gente: “*Não, não é isso. A gente também está conversando sobre nossos trabalhos, a gente está fazendo antropologia*”. Às vezes ela se incomoda com um certo recorte. Não exatamente um recorte teórico, mas uma certa conversa teórica em que desaparecem as pessoas, de uma certa maneira. Eu acho que é legal essa coisa que ela faz, essa insistência em uma etnografia séria. Eu tenho participado de muitas bancas de alunos da Jean, e, surpreendentemente, são alunos e alunas da [área da] saúde. “*Não é o meu campo, eu não sou da saúde*”. Eu brinco que eu aprendi antropologia da saúde ouvindo a Jean e participando de bancas das alunas dela. É legal porque é uma interlocução a partir de uma certa leitura, são uma certa escuta e uma certa palavra que aparecem no fazer dos campos desses alunos e alunas. Tem tudo a ver com performance, apesar de a temática não ser performance. Eu acho que é essa pegada que ela tem, que a gente tem no GESTO, que ilumina, que dá vida. Dá vida aos trabalhos que as pessoas estão fazendo em diferentes campos. Eu estive na banca de uma aluna dela que trabalhou em uma instituição de saúde mental. Ela não estava trabalhando com narrativa, nem com biografia, nada disso. E eu perguntei: “*Por que eu estou aqui, Jean?*”. E ela: “*Ah, porque você lê bem a etnografia*”. Não me lembro se ela falou nesses termos, mas era nesse sentido. Eu acho que esse ler bem é o ler da performance, não é meu como indivíduo, é um olhar.

Viviane: Uma das coisas que eu estou pensando enquanto a gente conversa é que talvez eu seja a pessoa mais distante da Jean, desta sala, em certa medida. Eu tenho uma conexão mais com o que ela foi produzindo. Eu cheguei ao GESTO a convite da Vânia em razão de algumas coisas que têm a ver com a Jean, mas indiretamente. Eu conheci a Jean lendo os textos dela e da Lu, principalmente em razão da minha pesquisa de mestrado, da etnografia sonora e das discussões sobre a fala dos feirantes. Eu chego ao GESTO em razão dessa trajetória de pesquisa sobre/com corpos e falas, e fui conhecer a Jean pessoalmente algum tempo depois. Eu já era professora aqui quando a gente se conheceu pessoalmente. Eu entrei para o departamento no mesmo mês em que ela se aposentou. Mas ouvindo o que vocês estão falando lembro que comecei a ler esses textos para poder fazer a minha dissertação, e uma das coisas que estava conversando com a minha orientadora, na época, tinha a ver justamente com o que a Vânia está comentando a respeito da etnografia. E de como fazer essa etnografia conversar com uma discussão teórica que não sufoque as coisas que você está vendo, produzindo em campo. Com esses textos, eu consegui me aproximar da Lu e da Jean, e dos estudos da oralidade e da fala. Da fala não no sentido só do conteúdo, mas da forma, da poesia, dos ritmos. Eu entrei no GESTO por causa disso. Os vários momentos em que eu estive junto com a Jean foram bem formais. Teve a banca de projeto de tese do Felipe Neis e a banca de mestrado da Marcela, dois momentos em que aprendi sobre essa atenção etnográfica com a Jean, escutando a leitura que ela fez desses trabalhos. Outros momentos no IBP, de reuniões e debates. Uma das coisas que me chama muito a atenção, na seriedade e na objetividade da Jean, é justamente esse olhar etnográfico, esse apreço por uma etnografia bem-feita e por uma preocupação com a dimensão empírica. Ela observa com atenção a etnografia dos outros, *qualquer* etnografia, não importa se era com os Siona, se era com hospital ou se era com os pescadores que a gente estava pesquisando. Ela tem um *olhar atento* a respeito da etnografia e preza as etnografias bem-feitas, com boas descrições e análises. Acho que tem uma coisa no GESTO, que a gente vem tentando fazer permanecer, que é esse vínculo da discussão teórica com a pesquisa de campo – não só com o que as pessoas dizem, mas também com o que elas fazem, com o que elas não fazem, com os efeitos que isso produz no trabalho, na pesquisa, na pessoa. O que eu estou aproveitando disso tudo é esse espaço saudável de discussão que a Jean construiu junto com vocês. Ou seja, eu pego isso já meio elaborado. Eu estava lembrando que as primeiras coisas estão lá,

naqueles textos da revista *Horizontes Antropológicos*: o da Jean, de 1999, e o da Lu, de 2005. Dois mil e cinco, que é quando eu estou começando a minha tese de doutorado. E depois o John vai participar da minha banca de doutorado, em 2008, com as mesmas questões, de som e de poética, fixação da narrativa etc. E agora eu e o John estávamos juntos na banca de doutorado da Marcela, que era orientanda do Scott, em março. Tem várias pequenas costuras que vão sendo elaboradas a partir de interesses de pesquisa muito diversos. Me parece que o gesto da Jean na produção do GESTO tem esse caráter aberto e acolhedor que permanece. Como a Vânia comentou antes, não se trata de uma escola ou linhagem, ou de um legado que coloca limites teóricos para a pesquisa; pelo contrário, tem talvez uma recusa de fechamento de um campo. Acho que isso tem a ver com essa condição de um olhar etnográfico que a Jean acaba nos ensinando a ter.

Vânia: Isso que você está falando, Viviane, tem a ver com a proposta do Paulo do nome do evento, de “No Man’s Land”, “No Performance’s Land”. É um pouco essa terra de ninguém, não porque ela não é ocupada, mas porque não é propriedade de nenhum paradigma, de ninguém. Acho bem bacana.

Evelyn: Estava aqui em silêncio, e tudo isso que escuto tem muitas reverberações nas coisas que eu estava lembrando da Jean, como se as lembranças dialogassem entre si ou como se o diálogo circulasse através das passagens que as conectam, criando novas sequências na memória. No início de uma delas, aparece uma imagem que, sem ser para mim a mais antiga, é sim uma das mais marcantes: ela remete a um momento no qual aparece a Jean junto com o seu filho, Alan, durante a apresentação de um filme¹⁶ feito por ele sobre o trabalho dela com o povo Siona da região do Putumayo. Essa é a imagem de uma constelação em que, entre outras luzes, dá para ver o orgulho que ela sente por ele. E imagino que um dos motivos para isso é também o fato de o Alan ser artista, pois essa conjunção entre arte e ciência é algo que acompanha faz muito tempo a Jean, que está muito no horizonte de sua vida. Aliás, é notório que as dedicações da Jean são de longa duração. Pode-se dizer de toda uma vida, como mostra sua relação com os Siona.

¹⁶ Filme *Oficina do idioma Bain Coca com o povo Siona do Putumayo*. O filme foi desenvolvido pela Jean junto com seu filho, o cineasta Alan Stone Langdon, e documenta a oficina de revitalização da língua Bain Coca, realizada com a participação dos anciões e das anciãs Siona. A produção está disponível no YouTube, no canal LangdonFilmes: <https://www.youtube.com/watch?v=vzCOA7WoTK8.&feature=youtu.be>. Acesso em: 29 jul. 2022.

E também de inabalável fôlego, como mostram os últimos trabalhos que ela está fazendo, visando à revitalização linguística.¹⁷ Todos esses são sinais de uma paixão ou, mais ainda, de uma convicção, ou seja, do convencimento do que precisa ser feito. E, como no poema de Brecht, do que precisa ser feito não uma, mas muitas vezes, toda uma vida.

Essa convicção também foi sempre notória no contexto do curso de licenciatura intercultural indígena da UFSC, na relação da Jean com os estudantes indígenas. Pois ela foi alguém que sempre esteve apoiando a licenciatura indígena, estava junto desde o início, interagindo com os estudantes indígenas e atendendo aos desafios do curso. Essas lembranças das múltiplas intervenções e ações da Jean fazem para mim ainda mais evidente que, se eu fosse eleger um *gestopalavra* que seja assim muito Jean, eu acho que essa distinção pessoal dela seria, contudo, a *escuta*. Ou seja, essa capacidade de escutar o outro, mesmo não estando de acordo com ele, ou especialmente nesse caso, ou mesmo fazendo explícito esse desacordo. Jean mostra que o momento da escuta é o que nos permite interagir. E é lá, nesse instante prévio, em que eu encontro a estima e o estímulo da Jean para a circulação das palavras e dos gestos.

Luciana: Evelyn, eu fiquei pensando em uma coisa que você falou agora. Eu acho que tem a ver com a relação com o Alan artista, cineasta, com a relação mútua de admiração que ela foi nutrindo com cada um de nós, com o John, com o Paulo... Eu me lembro dessa admiração dela pela nossa capacidade de produção estética, artística, fora da caixinha. Nos eventos, eu não me lembro da Jean comentando: “*Nossa, olha como fulano argumentou bem ou levantou determinado conceito*”. Mas algo do tipo: “*Olha o que foi aquela performance. Viu quando o John levantou e fez tal coisa? Olha o que o Paulo trouxe para a gente*”. Tudo bem, talvez seja minha memória, mas ela é muito sensível a isso, como você diz. Esses cruzamentos com a relação artística, com a antropologia e a etnografia. Eu acho que tudo isso passa também, no caso dela, pela narrativa. A gente conta histórias, e ela valoriza muito isso. Nós contamos histórias a partir de nossas experiências antropológicas, com nossos interlocutores, como uma forma de nos comunicar com nossos leitores. Eu fiquei pensando

¹⁷ Trata-se de trabalhos (como, entre outros, a oficina documentada no filme) vinculados ao projeto desenvolvido junto com as comunidades siona, no qual se destaca a necessidade de revitalizar a língua original Bain Coca com a participação ativa dos avôs e das avós Siona e de suas narrativas como fortalecedores de memória, história e cultura. O projeto faz parte do programa de etnoeducação da Asociación de Cabildos Indígenas de los Pueblos Siona, programa vinculado ao Plano de Vida elaborado pelas comunidades.

que talvez o nosso texto pudesse ser um grande brinde à Jean. Algo com o qual cada um de nós, neste momento, do seu cantinho, da sua janela (física ou virtual), pudesse estar brindando com ela.

Scott: Acho que esse é bom para ser o primeiro e último gesto, de brinde. Já que todas essas falas envolvem, de alguma forma, as inebriações líquidas. Mas uma outra coisinha que eu acho que tinha que entrar de algum modo, que a Evelyn me fez lembrar, é o fato de que nessas festas ela combina – acho que é bem representativo dessa combinação da Jean brasileira e americana –, ela combina esse estilo de fazer uma festa e pedir às pessoas para trazerem suas comidas. Ela não faz o que muitos de lá de cima, do Hemisfério Norte, fazem, que é basicamente fazer disso um modo de não ter que cozinhar em casa. Ela faz para *abundância*, ela sempre tinha *vários pratos*, alguma coisa no *forno*, e *ainda* convidando as pessoas para trazer comida. Era *festança*, com comilança mesmo. Eu acho legal essa combinação.

Luciana: Tim-tim.

Viviane: Daria para mudar para Jean-Jean [risos].

John: Posso contar mais uma anedota? Só para dizer um aspecto da Jean. Ela é modesta também. Eu estava em Nova Iorque, eu tinha ido participar de um seminário do Michael Taussig, na Columbia University, e falei para ele: “*Então, eu sou amigo da Jean Langdon*”. Os olhos dele se iluminaram, e ele falou: “*Eu vou te pagar uma cerveja*”. A gente foi para um *pub*, e eu ganhei uma cerveja por causa da Jean. Ele falou que ela foi uma pessoa importante para o trabalho dele.

Vânia: Naquele livro, *Shamanism, colonialism, and the wild man*, ele agradece a Jean, no início do livro, como uma das primeiras a lhe falar sobre como era o Putumayo no início dos anos 1970.¹⁸

Paulo: Eu acho que foi você, Vânia, que me mostrou uma fotografia dela nos anos 70... Ou terá sido ela mesma? Já não sei. Eu há pouco tempo vi uma fotografia dela: a Jean, de *jeans* n[a aldeia] siona, nos primeiros tempos, no primeiro ano em que ela lá estava. Uma fotografia dela muito jovem, só homens, indígenas, em volta dela, e ela conversando com alguém. Era uma fotografia da pesquisa de campo, não sei se foi publicada. Achei muito bonita. Porque, quando eu nasci, a Jean formou-se em antropologia. Graduou-se em 1962/1964, alguma coisa assim. Eu pensei: nos anos 1960, uma mulher americana estava no meio da floresta. É mesmo aventura, no real sentido do termo.

¹⁸ Taussig (1987, p. xvii).

Scott: Já teve altas aventuras diferentes.

John: Muitas aventuras no sentido de correr risco, ela corre risco, tem coragem.

Paulo: Na última vez que falei com ela, quando estava aí convosco, em 2017, ela me disse que já não conseguia ir à aldeia siona porque, da última vez que tinha ido, quando saiu do barco, estavam uns caras com armas de fogo. Ela olhou e disse: “*Já não vai dar, daqui eu já não consigo superar*”. Então ela começou essa sua pesquisa com a linguística, com a tradução. Mas sempre voltou, sempre voltou a eles. Eu, durante alguns anos, fiz pesquisa no mesmo local. Eu voltava, e regressava, e regressava. Essa ideia de uma longa duração do terreno tem muito a ver com certo tipo de antropólogo, em particular norte-americano – mas também tem uns ingleses que fizeram isso. Essa escola anglo-saxônica da perenidade, do terreno que nunca se esgota, do regresso por ter um compromisso com o grupo. É uma forma de engajamento antropológico, uma forma de manter a presença, manter o contato, manter a ligação. Acho isso muito bonito da parte dela. Na última conferência que vi dela, com os Siona, em uma banca enorme, eles homenageavam a Jean: “Essa aí é a gringa que está sempre conosco aqui”. Eram os velhos e os novos falando dela. Genial.

John: Pensando aqui no que o Paulo falou, ela falou que está voltando para os Siona para devolver para eles tudo que eles deram. Então ela ouviu as coisas deles, ela elaborou, criou um material, criou um acervo, e agora ela está fazendo o contradom.

Luciana: É isso mesmo. O filme que o Alan produziu mostra isso, essa recuperação, inclusive, do idioma, de palavras.

Paulo: E como fazemos? Vamos dialogar por *e-mail*?

Scott: Você que está gravando, Vânia? A gente podia pegar alguns trechos e fazer uso daquilo que a gente vem falando. Por que não? Já que é um texto sobre performance, a questão da transcrição¹⁹ da performance: a gente pode transcrever uma parte da nossa conversa, com direito a editar, a censurar [risos]. Eu acho que podia ser também.

¹⁹ Seguindo o jogo de referências, Scott lembra um dos possíveis enquadres dessa discussão. Edward Schieffelin (2005, p. 92), no final de um artigo sobre a problemática de como transcrever uma performance, sugere que transcrições são mais úteis quando acompanhadas pela gravação da performance transcrita: “é no jogo emergente entre a transcrição e a gravação usados em conjunto que o trabalho com transcrições de performance se torna mais útil e revelador”. Na ausência da gravação, fica a nota de rodapé como índice de outras possibilidades.

Vânia: *Raiz.*

Luciana: Tem as raízes e tem também os pássaros que saem voando da árvore...

Vânia: As flechas do John.

Luciana: Cada um vai ocupar um lugar nessa árvore do texto do Paulo.

Vânia: A gente pode usar essas imagens: tem a *árvore* e tem a *ginga* também. A gente pode gingar com o Paulo.

Luciana: Eu gosto de gingar com os textos da gente.

Scott: Jeangar...

Paulo: Tem que ver. Ninguém vai falar sobre essa estranha forma de falar da Jean? Essa outra língua que ela inventou? Há uma língua, um país linguístico, que se chama Jean Langdon.

John: O país é Jean Langdon.

Paulo: Então posso ir dormir?

Luciana: Pode ir dormir!

[FIM]

Florianópolis, Lisboa, Brasília, São Paulo,
conectados na *web* em novembro de 2020.

Referências

HARTMANN, L. Performance e experiência nas narrativas orais da fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 125-153, 2005.

HARTMANN, L.; LANGDON, E. J. Tem um corpo nessa alma: encruzilhadas da antropologia da performance no Brasil. *BIB: Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, São Paulo, v. 91, p. 1-31, 2020.

INDIGNADOS. Direção: Tony Gatlif. França: Princes Films, 2012. (88 min), son., color.

LANGDON, E. J. A fixação da narrativa: do mito para a poética da literatura oral. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 5, n. 12, p. 13-36, 1999.

LEPECKI, A. *Agotar la danza: performance y política del movimiento*. Barcelona: Centro Coreográfico Galego; Mercat de les Flors; Universidad de Alcalá, 2008.

RAPOSO, P.; CARDOSO, V. Z.; DAWSEY, J. C.; FRADIQUE, T. (org.). *A terra do não-lugar: diálogos entre antropologia e performance*. Florianópolis, SC: EdUFSC, 2013. (Coleção Brasil Plural).

RAPOSO, P.; RENCK, A.; HEAD, S. (org.). *Cidades rebeldes: invisibilidades, silenciamentos, resistências e potências*. Florianópolis, SC: EdUFSC, 2019. (Coleção Brasil Plural).

SCHIEFFELIN, E. Moving performance to text: can performance be transcribed?. *Oral Tradition*, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 80-92, 2005.

SOARES, M. M. “*Haja vida*”: teatro à deriva em São Paulo. 2020. Tese (Doutorado em Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

TALLER de Bain Coca con el pueblo Siona del Putumayo. Direção: Alan Langdon. Florianópolis: INCT-IBP, 2015. (30 min), son., color.

TAUSSIG, M. *Shamanism, colonialism, and the wild man: a study in terror and healing*. Chicago: University of Chicago, 1987.